Lição 14 — A Unidade da Alma

TEXTO 411a26–411b30 - LIVRO I, CAPÍTULO V, CONTINUAÇÃO

> *Visto que o conhecimento pertence à alma, assim como a sensação, o pensamento, o desejo e a deliberação — em suma, toda apetição; e como nos seres animados também ocorrem o movimento local, o crescimento, a conservação e a deterioração, todos provenientes da alma, cada uma dessas coisas está na alma inteira, e compreendemos, percebemos, fazemos e sofremos cada experiência particular com a alma inteira? Ou será que cada uma requer uma parte diferente? E a própria vida está em alguma dessas partes? Ou em várias? Ou em todas? Ou provém de alguma causa totalmente distinta? §§ 199-203*
>
> *Alguns dizem que a alma é divisível, compreendendo por uma parte e desejando por outra. §§ 204-5*
>
> *Se a alma é, por sua própria natureza, divisível, o que a mantém unida? Certamente não o corpo: antes, o contrário parece ser verdadeiro, que a alma mantém o corpo unido; pois quando ela parte, o corpo expira e se decompõe. Se há alguma outra coisa que a torna una, essa outra é antes a alma. Seria então necessário perguntar, a respeito dessa outra, se ela é una ou possui muitas partes. Se é una, por que não chamá-la diretamente de alma? Mas se é divisível, a razão novamente exige: o que a mantém unida? E assim ad infinitum. § 206*
>
> *Surge uma questão adicional sobre as partes da alma: que poder tem cada uma no corpo? Se a alma inteira mantém unido o corpo inteiro, seria adequado que cada uma das partes controlasse alguma parte do corpo. Mas isso parece impossível. É difícil até mesmo imaginar que parte o intelecto manteria unida, ou como. § 207*
>
> *Sustenta-se também que as plantas vivem após serem divididas, e certos animais divididos também; como se tivessem uma alma especificamente una, mas não numericamente. Pois cada uma dessas partes é dotada de sensação e se move localmente por certo tempo. Se não são longevas, isso não é objeção: elas não possuem os órgãos necessários para a preservação de suas naturezas.*

> *No entanto, em cada uma das partes encontram-se todas as partes da alma; e essas partes separadas são especificamente iguais entre si e ao todo; iguais entre si, como se não fossem separáveis; iguais ao todo, como tendo uma unidade indivisível. § 208*
>
> *Parece que o princípio nas plantas é algum tipo de alma. As plantas têm apenas isso em comum com os animais, e, embora isso seja independente do princípio sensitivo, nada tem sensação sem possuir isso. §§ 209-10*

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LEITURA QUATORZE

§ 199. Tendo revisado e criticado opiniões anteriores sobre a alma, o Filósofo passa agora a colocar certas questões próprias; as quais, em 'Alguns dizem', ele começa a responder. Mas primeiro precisamos perceber que as atividades da alma, como sensação, entendimento, desejo, movimento no espaço e crescimento, podem ser consideradas de duas maneiras distintas. Podemos considerar o modo dessas atividades; e desse ponto de vista, podemos distinguir, subjacentes a essas atividades, três potências da alma: a vegetativa, a sensitiva e a intelectual.

§ 200. E essas potências diferem. Pois enquanto a potência vegetativa ou nutritiva age através de qualidades ativas e passivas da matéria, como calor e frio e afins, a potência sensitiva não requer tais qualidades sensíveis para sua atividade sensitiva, embora dependa de órgãos corporais; enquanto a potência intelectual age nem através de qualidades sensíveis nem de um órgão corporal, pois funciona de maneira inteiramente incorpórea.

§ 201. Mas se considerarmos os tipos de atividades dentro do alcance da alma, então distinguimos cinco potências com cinco atividades correspondentes: as potências nutritiva, sensitiva, locomotora, apetitiva e intelectual.

§ 202. Tendo então discutido e criticado opiniões anteriores sobre a alma em geral, Aristóteles inicia agora uma investigação sobre as partes e atividades particulares da alma. E propõe dois problemas. O primeiro é se atividades como sentir, julgar racionalmente, desejar, deliberar, e também a apetição (que ele relacionou a partes especiais da alma de uma forma mais geral do que estas, colocando o impulso irascível tanto nas partes sensitiva quanto racional), juntamente com o movimento local e o repouso, crescimento e declínio, se todas essas pertencem à alma inteira de tal modo que cada uma ocorre em cada parte da alma, de modo que com cada parte nós entendemos, sentimos, movemos, desejamos e assimilamos alimento; ou se a verdade não é, antes, que cada atividade tem sua própria parte especial, isto é, que com uma parte entendemos, com outra sentimos, e assim por diante.

§ 203. O segundo problema é este. Concedido que cada atividade tem sua parte especial da alma, isso é verdadeiro para a atividade de simplesmente estar vivo? Esta atividade é própria de alguma dessas partes? Ou de muitas? Ou de todas ao mesmo tempo? Ou talvez pertença a alguma outra parte?

§ 204. Então, em 'Alguns dizem', ele responde a estas questões em ordem. Quanto à primeira, ele afirma e depois rejeita a visão de certos filósofos de que as atividades em questão provêm separadamente das partes da alma, não da alma em geral; que a alma é tão dividida em partes que entende com uma e deseja com outra, assim como alguns sustentam que a potência sensitiva está no cérebro e a potência vital no coração, e assim por diante.

§ 205. Ora, isso é em parte verdadeiro e em parte falso. Se você tomar isso como significando que a alma tem partes diferentes potencialmente, é bastante verdadeiro que suas partes e potências são distintas e que uma delas entende e outra sente. A alma é um todo no sentido de que tem uma capacidade total com capacidades parciais subordinadas ao todo. Mas se você tomar isso quantitativamente, como se a alma tivesse um certo tamanho com partes de certos tamanhos, então essa opinião é falsa. E era assim que os filósofos em questão pensavam da alma — até ao ponto de fazerem as diferentes potências da alma serem diferentes almas.

§ 206. Em seguida, em ‘Se então a alma’, Aristóteles ataca esta última hipótese com três argumentos. O primeiro é este. Coisas diferentes não podem ser unificadas exceto por algo mais que as una. Se um único corpo contivesse várias almas, estas teriam de ser unidas e contidas por algo mais. Mas não há nada mais que possa fazer isso; portanto, a hipótese é infundada. Que não há outro princípio unificador é mostrado assim. O que quer que contenha e unifique a alma será ou o corpo ou alguma outra coisa. Ora, não é o corpo. Antes, o corpo é contido e unificado por sua alma e se desfaz quando a alma o abandona. Então é algo mais; mas isso deve ser uma alma, se é próprio da alma unificar e controlar. Essa alma unificadora é intrinsecamente una ou composta de várias partes? Se de várias partes, então o que as une? E assim *ad infinitum*. Mas se essa alma unificadora é intrinsecamente una, então 'por que não chamá-la de alma imediatamente', i.e., por que não conceder desde o início que a alma é intrinsecamente una? A alma, portanto, não é, como pensavam, quantitativamente divisível.

§ 207. O segundo argumento vem em 'Uma dúvida adicional'. Se as diferentes partes da alma estão em diferentes partes do corpo, então cada atividade da alma tem sua própria parte corporal ou órgão. Mas o intelecto não tem órgão corporal especial. Logo, sua concepção das partes da alma é falsa.

§ 208. O terceiro argumento começa em 'Também se sustenta'. Se cada uma das várias atividades da alma é própria de uma parte especial do corpo, então nenhuma parte é o órgão de várias atividades distintas, nem há várias partes 'em um corpo animal' que sejam do mesmo tipo. Mas a experiência prova que certos seres vivos têm partes com várias atividades cada, e uma alma que é idêntica em tipo no todo e em todas as partes; e.g., em plantas e em certos animais (segmentados) 'que continuam vivos após serem cortados, as partes cortadas retendo seus sentimentos e movimento por algum tempo. Não importa se essas partes vivem apenas por um curto período devido à falta de órgãos de autopreservação. O ponto é que várias atividades da alma existem em várias partes corporais distintas ao mesmo tempo, e estas são especificamente similares entre si e ao todo. Portanto, a alma não é dividida de acordo com as diferentes partes do corpo.

A razão pela qual tais animais continuam vivos após serem divididos é que o número e a diversidade de atividades completas em si mesmas variam em proporção direta à perfeição da

alma nos seres vivos. Quanto mais elevada a alma, mais amplo é o leque de suas atividades; e quanto mais amplo seu leque ativo, mais, e mais distintamente diversificados, órgãos ou instrumentos corporais são necessários para ela. Assim, a nobreza relativamente maior da alma racional exige uma maior diversidade de seus órgãos corporais, enquanto a alma muito inferior de um animal segmentado ou de uma planta tem apenas um campo estreito de atividade e, portanto, precisa de um corpo mais uniforme e menos articulado, e em qualquer parte do qual, tomada separadamente, possa manter seu ser.

§ 209. Então, em 'Parece', ele responde à segunda questão; sobre a qual devemos perceber que a vida pertence, propriamente falando, a coisas que se movem e agem por si mesmas e não são causadas a fazer isso por outros. Então 'viver' tem dois significados. Pode significar o ser de um ser vivo, e nesse sentido Aristóteles diz que viver é o ser dos seres vivos. E também pode significar atividade.

§ 210. Ora, a alma das plantas, a alma vegetativa, parece ser uma espécie de manifestação primária da vida entre as coisas aqui na terra; pois nada vive sem ela e todos os seres vivos compartilham dela, embora de outras maneiras seus modos de vida difiram. Animais e plantas têm apenas isso em comum. Ela pode existir sem sensação ou inteligência, mas não sensação ou inteligência sem ela; nenhum animal tem sensação ou razão a menos que primeiro tenha vida vegetativa. Assim, ela mantém a mesma relação com a vida que o tato com a sensação. Não que os seres vivos vivam apenas por este princípio, mas é o ponto onde a vida aparece primeiro.

Revision #2
Created 4 October 2026 19:29:45 by Admin
Updated 11 October 2026 22:03:04 by Admin